

**Título:** A inserção do Analista do Comportamento no campo da Psicologia do Esporte: um relato de experiência.

**Autores:**

- Marcella Demoner Borges Coutinho

Formanda em Psicologia pelo Centro Universitário Vila Velha.

- Maria Silvana Barbosa dos Santos

Formanda em Psicologia pelo Centro Universitário Vila Velha.

- Luciano de Sousa Cunha

Mestre em Psicologia pelo Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo. Professor do curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Vila Velha.

**Endereço completo do autor responsável pela submissão do artigo:**

Luciano de Sousa Cunha

R. Prof. Elpídio Pimentel 250, apto. 304. Ed. Parintins. Bairro Jardim da Penha.

Vitória –ES. CEP: 29060-170.

Fax: (27) 3335-2501 (Secretaria do Programa de Pós Graduação UFES)

E-mail: [luciano.cunha@oi.com.br](mailto:luciano.cunha@oi.com.br)

# **A INSERÇÃO DO ANALISTA DO COMPORTAMENTO NO CAMPO DA PSICOLOGIA DO ESPORTE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Marcella Demoner Borges Coutinho (UVV)<sup>1</sup>

Maria Silvana Barbosa dos Santos (UVV)<sup>2</sup>

Luciano de Sousa Cunha (UVV)<sup>3</sup>

“Ser bem sucedido no mundo é sempre uma questão de esforço pessoal. Todavia, é um engano acreditar que alguém pode vencer sem a cooperação de outros”.

(Napoleon Hill)

O presente relato de experiência é um recorte das atividades realizadas durante o último ano de graduação do curso de Psicologia, durante o Estágio Supervisionado: “Projeto de Clínica Comportamental e Psicologia do Esporte”, junto a uma equipe de basquete masculino profissional que realiza suas atividades na Vila Olímpica do Centro Universitário Vila Velha (UVV).

O projeto oferecido pela primeira vez no curso propõe a entrada do analista do comportamento no campo da Psicologia do Esporte. Assim, este trabalho apresenta uma revisão teórica sobre o que é a Psicologia do Esporte, sua história, assim como a história da Abordagem Comportamental nesse contexto, seguida de uma discussão sobre a postura do psicólogo e uma reflexão sobre sua inserção no campo de atividade prática.

Este trabalho se torna relevante, uma vez que, apesar de existirem publicações acadêmicas sobre a Psicologia do Esporte, nota-se a necessidade de mais produções que ofereçam dados às pessoas envolvidas direta ou indiretamente com esse campo do saber, por esta se tratar de uma área relativamente nova no Brasil, apresentando poucos procedimentos descritos e documentados na literatura, principalmente no que diz respeito a trabalhos realizados sob o enfoque da Análise do Comportamento.

## **Psicologia do Esporte: História e Definição**

---

<sup>1</sup> E-mail para correspondência: marcella.coutinho@gmail.com

<sup>2</sup> E-mail para correspondência: silvana.george@globo.com

<sup>3</sup> E-mail para correspondência: luciano.cunha@oi.com.br

A Psicologia do Esporte surge da necessidade de se adquirir conhecimentos sobre como fatores psicológicos podem afetar a prática esportiva. Segundo Weinberg & Gould (2006), sua história inicia-se no final do século XIX e pode ser dividida em cinco períodos, com características distintas e inter-relacionadas.

No primeiro período, datado de 1895 a 1920, foi realizada a primeira experiência em Psicologia do Esporte e Psicologia Social, mais precisamente no ano de 1897, em que Norman Triplett estudou os efeitos de outros competidores sobre o desempenho dos ciclistas. Neste estudo, ele verificava que na presença de outros atletas, o rendimento individual de um ciclista aumentava, sugerindo que outras variáveis, além da própria habilidade do atleta poderiam afetar seu desempenho.

O segundo período – a era Griffith, de 1921 a 1938, – foi marcado pela publicação de artigos por Griffith e pelo estabelecimento do laboratório de pesquisa em esportes físicos, na Universidade de Illinois.

O terceiro período, denominado por Weinberg & Gould (2006) como “preparação para o futuro”, culminou com o primeiro Congresso Mundial de Psicologia do Esporte, organizado por Ferruccio Antonelli em 1965, na cidade de Roma, com o propósito de unificar os estudos da Psicologia Esportiva, enfatizando os diferentes aspectos da Psicologia do Esporte e da atividade física. A partir desse congresso, foi fundada a Sociedade Internacional de Psicologia do Esporte<sup>4</sup> - a fim de promover e disseminar informações sobre a Psicologia do Esporte.

O quarto período (1966-1977) marca o estabelecimento da Psicologia do Esporte como disciplina acadêmica, e apresenta fatos importantes como: a assessoria a atletas e times pelos psicólogos clínicos Bruce Ogilvie e Thomas Tutko e; o lançamento do primeiro periódico científico da área, o *International Journal of Sport Psychology*, possibilitando à psicologia do esporte ser institucionalizada como área de pesquisa e aplicação (Figueiredo, 2001; Barreto, 2003; Weinberg & Gould, 2006).

Barreto (2003) observa que esse período foi determinante para que hoje, em muitas universidades mundiais, existam disciplinas especializadas em

---

<sup>4</sup> Internacional Society of Sport Psychology - ISSP

Psicologia do Esporte, bem como centros especializados em pesquisa e laboratórios experimentais em faculdades de Psicologia e Educação Física, além da fundação de sociedades internacionais, nacionais e estaduais.

Machado (1997) ainda ressalta que com o aumento da circulação de boletins, jornais, revistas e livros específicos, além de formação de sociedades de pesquisadores em Psicologia do Esporte, percebe-se uma consolidação desta especialidade em vários países.

O quinto período, de 1978 até o presente, é nomeado como Psicologia do Esporte e do Exercício Contemporânea. É nesse período que a Psicologia do Esporte se firma como “profissão”, pois além da presença e reconhecimento de psicólogos do esporte no meio esportivo, há a fundação, em 1986, da *Association for the Advancement of Applied Sport Psychology* (AAASP); a elaboração da Divisão 47 (Psicologia do Esporte) da *American Psychological Association* (APA) e o estabelecimento da designação de “consultor registrado<sup>5</sup>” em 1991.

Alguns autores discordam que o surgimento da Psicologia do Esporte esteja ligado diretamente ao desenvolvimento da área nos Estados Unidos, apresentando uma outra versão. Para Rubio (2007b, p.21), “(...) foi na antiga União Soviética que a Psicologia do Esporte experimentou uma grande acolhida e desenvolvimento ao longo dos últimos 50 anos (...)”. Segundo Machado (1997), os trabalhos realizados foram pouco assimilados no mundo ocidental, enquanto os soviéticos desenvolviam suas pesquisas na área.

No Brasil, a Psicologia do Esporte surgiu na década de 50, com o psicólogo João Carvalhaes<sup>6</sup>, que no II Congresso Internacional de Psicologia do Esporte, em Washington, apresentou o trabalho “Correlação entre o estado psicológico e o rendimento do atleta do futebol”.

Segundo Rubio (2007b), a década de 70 foi marcada pela ampliação do quadro de psicólogos do esporte em clubes de futebol, sendo em 1976, a abertura do trabalho da Psicologia do Esporte para outras modalidades.

Em 1979, com um aumento no número de profissionais envolvidos no desenvolvimento da Psicologia do Esporte no Brasil, foi fundada a Sociedade

---

<sup>5</sup> Maiores informações podem ser encontradas diretamente em <http://appliedsportpsych.org>

<sup>6</sup> Atuou no São Paulo por 19 anos e na Seleção Brasileira de Futebol, durante a Copa de 1958.

Brasileira de Psicologia do Esporte (SOBRAPE), pelo psicólogo Benno Becker Junior.

Para Rubio (2007b), a década de 80 foi marcada pela atuação de vários psicólogos nas diversas modalidades, e também pela criação de várias sociedades estaduais, tais como a pernambucana, mineira, carioca, gaúcha e paulista. A autora cita que:

...a consolidação da Psicologia do Esporte no Brasil, enquanto área de conhecimento e campo de intervenção, tem seguido de perto os passos dados em outros países, tendo como pano de fundo o embate entre a ênfase dada à aplicação no contexto prático, com especial atenção ao alto rendimento, e a produção acadêmica com pesquisas, enfocando, além do alto rendimento, a atividade física, a recreação e o lazer. (Rubio, 2007b, p.24)

A partir da década de 90, houve uma grande expansão da Psicologia do Esporte: aumento significativo de profissionais atuantes, a busca de formação específica, a publicação de literatura em português, conquista de espaços para atuação, a criação do primeiro laboratório de Psicologia do Esporte na Universidade Federal de Minas Gerais pelo Prof. Dr. Dietmar Samulski, além da agregação de conhecimentos relacionados a questões esportivas e de atividade física com conhecimentos da Sociologia, Antropologia, Pedagogia, Filosofia e Medicina, que têm contribuído para a interdisciplinaridade dessa área.

Segundo Rose Junior (2007), a “profissionalização” e a circulação de informações produzidas no Brasil acerca da Psicologia do Esporte “Brasileira” gerou a necessidade de formação específica, à medida que as faculdades de Psicologia não se interessavam em proporcionar aos alunos a oportunidade de conhecer e produzir algo sobre esse assunto, o que pode ser observado pelo fato de que sequer eram oferecidas disciplinas sobre o tema, mesmo que optativas. Para o autor, isso se deve, em parte, pelo não reconhecimento, por parte da Psicologia, do campo esportivo como campo de atuação.

Rubio (2007b) conta que a partir dessa “profissionalização”, observou-se uma inclusão na grade curricular de alguns cursos, a disciplina de Psicologia do Esporte, inicialmente como disciplina eletiva e, posteriormente, como obrigatória. Vale ressaltar, que ainda hoje, em muitos cursos de Psicologia, não

há a oferta dessa disciplina, e alguns poucos que se interessam por essa área, desconhecem muitas vezes a atuação do psicólogo.

Barreto (2003) justifica que mesmo que a Psicologia Esportiva cresça muito no Brasil, ainda haverá resistência por parte de psicólogos, treinadores e profissionais afins devido à desinformação, representada pela escassez no número de publicações sobre o tema, e a falta de conhecimento sobre a função e atuação do profissional da Psicologia.

Uma hipótese para essa resistência pode ser formulada a partir do próprio desenvolvimento histórico e também por conta das muitas abordagens que a Psicologia oferece. Esses vários olhares sobre o que os autores e estudiosos concordam ser uma ciência, dificultam até mesmo conceituar Psicologia do Esporte, o que pode ser uma tarefa árdua.

De maneira geral, entende-se por Psicologia do Esporte o estudo científico de pessoas e seus comportamentos em atividades esportivas e atividades físicas e a aplicação prática de seu conhecimento. Apresenta dois objetivos principais: entender como fatores psicológicos afetam o desempenho de um indivíduo e; entender como a participação em esportes e exercícios afeta o desenvolvimento psicológico, a saúde e o bem estar de uma pessoa (Weinberg & Gould, 2006).

A proposta de que a Psicologia do Esporte investiga as causas e efeitos psíquicos antes, durante e depois de uma atividade física, seja esportiva ou lazer é compartilhada por vários autores (Thomas, 1983; Barreto, 2003; Rose Junior, 2007).

Williams e Straub (1991, p. 30) apud Rubio (2007a, p.305) descrevem a prática da Psicologia do Esporte como a “(...) identificação e compreensão de teorias e técnicas psicológicas que podem ser aplicadas ao esporte com o objetivo de maximizar o rendimento e o desenvolvimento pessoal do atleta (...)”.

Machado (1997, p.17) propõe uma definição baseada em uma abordagem Comportamental: “(...) ciência que estuda as contingências a que estão submetidos todos aqueles que se envolvem com o fenômeno esportivo, em quaisquer de suas variações (...)”, sejam atletas, treinadores e afins.

Portanto, percebe-se que a construção do conceito, assim como a construção de linhas teóricas para embasar a prática da Psicologia do Esporte

dá-se da mesma maneira. Os profissionais tentam de alguma forma buscar especializações, referenciais teóricos e pesquisas a fim de dar conta da demanda em seu campo de atuação, tais como: Dinâmicas de Grupo, Psicodrama, Psicologia Social, Psicologia Cognitiva Comportamental e o Behaviorismo (Lima, 2003).

Para este trabalho, portanto, a fim de produzir uma análise baseada em uma perspectiva Comportamental, será apresentada a seguir uma breve revisão sobre a atuação da Psicologia Comportamental no campo esportivo.

### **Uma abordagem Comportamental no Esporte**

Assim como a psicologia do esporte, a Psicologia Comportamental do Esporte nasceu nos EUA, iniciada por Brent Rushall e Daryl Siedentop em 1972 com a publicação do livro *The development and control of behavior in sport and physical education*. Todavia, a primeira pesquisa publicada, apareceu três anos antes, quando Rushall e Pettinger (1969) descreveram a comparação de diferentes contingências de reforçamento sobre a quantidade de nado realizado por membros de um time de natação (Martin & Tkachuk, 2001).

Para Figueiredo (2001, p.113), a “(...) psicologia como ciência do comportamento humano dispõe de um corpo de conhecimentos que pode contribuir para o desenvolvimento do esporte através da análise e previsão do comportamento do atleta”.

A mensuração dos comportamentos de praticantes, técnicos e atletas e suas respectivas variáveis controladoras, devem explicar tanto o comportamento individual quanto coletivo, a partir de uma metodologia experimental para estudo do comportamento aplicada ao esporte (Cillo, 2007).

A Psicologia Comportamental do Esporte é, portanto, baseada no o uso de técnicas e princípios da Análise Experimental do Comportamento, com a finalidade de melhorar o desempenho e satisfação de atletas e profissionais afins.

Segundo Scala (2004, p.310), “a psicologia comportamental tem como objetivo melhorar o repertório do cliente, aumentar sua discriminação do ambiente, para que ele tenha mais condição de prever e controlar seu comportamento”. No contexto esportivo, o objetivo é “melhorar a qualidade do

desempenho, da interação entre os envolvidos, propiciando a prática física um caráter mais reforçador” (Cillo, 2007, p.90).

Desta forma, segundo Scala (1997), podemos delimitar dois objetivos primordiais para a Psicologia do Esporte com enfoque Comportamental: a) a promoção de saúde, que no contexto do esporte, poderia ajudar o atleta a identificar porque escolheu determinada prática e quais seus objetivos em relação a ela; e b) a melhora de rendimento esportivo, num nível pessoal ou de competições, a partir do trabalho baseado em aspectos como: planejamento, propriocepção e concentração em atividades individuais, ou ainda, em esportes coletivos, atividades grupais que visem aspectos como: comunicação, relações interpessoais e liderança.

Segundo Pereira (2003), a Psicologia Comportamental no Esporte não deveria ser vista como novidade, uma vez que a Análise do Comportamento, com seu rigor metodológico visa à compreensão, predição e controle do comportamento e investe em pesquisas a fim de fornecer contribuições para a Psicologia e seus campos de atuação. De modo geral, segundo Delitti (2005), a preocupação e a proposta de Skinner eram que a Análise do Comportamento deveria ser utilizada para planejar e estruturar uma sociedade de modo que os indivíduos pudessem viver em contingências mais reforçadoras. Esses conhecimentos poderiam então, ser também aplicados ao contexto esportivo.

### **Relato de Experiência: da inserção à atuação do Analista do Comportamento**

A proposta do Estágio Curricular Específico Supervisionado, de acordo com o Manual do Estágio Supervisionado (2007), oferecido nos nono e décimo períodos do curso de Psicologia do Centro Universitário Vila Velha (UVV), é permitir um contato mais próximo com a realidade profissional, articulando e consolidando competências desenvolvidas ao longo do curso de graduação para a atuação do psicólogo.

A escolha do projeto deu-se devido à proposta de trabalhar tanto na Psicologia do Esporte quanto na clínica, sob perspectiva Comportamental. A oportunidade de atuar junto a uma equipe profissional se deu por conta de a

Instituição Universitária ser uma das patrocinadoras de um projeto de alto rendimento.

O início do trabalho se deu com o primeiro contato com o responsável pela equipe masculina de basquete profissional. Nessa primeira reunião, expôs-se, com base em Martin (2003), que o treinamento psicológico, no esporte de maneira geral, faz-se tão importante quanto aos treinamentos técnico, físico e tático. E, para tal tarefa, seria necessário realizar uma avaliação a fim de possibilitar uma proposta adequada de trabalho.

Foi marcado então, um encontro com os atletas para a apresentação do grupo de Psicologia – supervisor e estagiários.

Estar diante dos atletas antes do primeiro contato direto pareceu fácil. Entretanto, tal tarefa mostrou-se mais complicada devido à necessidade de se estabelecer uma relação com eles. Isso pode ser ilustrado por uma frase emitida por um jogador no dia da apresentação do grupo: "... quero ver quanto tempo vocês vão durar... não dou nem três meses (sic)".

Os encontros posteriores foram marcados por uma demonstração de exigência por parte dos atletas de profissionalismo dos estudantes na realização do trabalho. Os alunos eram questionados sobre o trabalho, assim como também eram solicitados a responder questões que tinham como função avaliar se os mesmos conheciam o esporte no qual escolheram intervir.

Percebe-se neste momento, segundo Scala (2006), que assim como ao entrar no mercado de trabalho, todo profissional enfrenta desafios, tal como se deparar com indagações sobre sua atuação, seja por parte do próprio profissional seja por parte de quem vai utilizar o serviço. No campo da Psicologia do Esporte surgem outras questões, como, por exemplo, entrar e ser aceito no meio de esportistas e profissionais atuantes.

Por conta disso, alguns autores (Martin, 2003; Scala, 2006; Weinberg & Gould, 2006; Rose Junior, 2007) concordam que é preciso conhecer o esporte com o qual se vai trabalhar, assim como observar os treinos; estudar sobre as regras; as habilidades envolvidas, inclusive físicas; o jargão utilizado, falar a linguagem do esporte. O desenvolvimento dessas habilidades pode ajudar a eliminar "barreiras" na inserção no campo esportivo.

Sendo a presente equipe, a primeira turma a desenvolver um projeto de Psicologia do Esporte naquele contexto, o desafio não era, portanto, só o de se

manter e atuar no campo de estágio, e sim o de estabelecer vínculos e inserir-se como “integrantes” dessa equipe.

O primeiro passo foi buscar em literatura informações sobre a prática esportiva e de profissionais que trabalham ou trabalharam como psicólogos do esporte (tanto os comportamentais quanto os que adotaram outra abordagem) e também, o acompanhamento diário aos treinos por cerca de um mês, adotando uma postura profissional, definida por Scala (2006) como: vestir-se de maneira adequada; assistir aos treinos; conversar com os treinadores; conhecer as regras, a linguagem e os atletas conhecidos da modalidade; apresentar uma conduta adequada frente aos atletas e demais integrantes da comissão técnica (considerando os princípios éticos da profissão).

O segundo passo foi, a partir do conhecimento adquirido ao longo do curso sobre grupos, investigar o funcionamento deste time, em especial os papéis de cada atleta, quem era quem: líder, porta-voz, etc.

Nesse momento, foi aplicado um instrumento para avaliação comportamental dos atletas: um questionário adaptado para equipe de basquete a partir de um modelo proposto por Martin (2003), para verificar aspectos do desempenho nos treinos e em competições, a fim de fornecer uma avaliação rápida das áreas em que os atletas e o técnico gostariam de receber ajuda. A avaliação deu ênfase aos seguintes tópicos: 1. Informações gerais sobre o atleta ou técnico; 2. Informações esportivas gerais; 3. Descrição do problema atual; 4. Conhecimento sobre Psicologia do Esporte; 5. Educação/Ocupação; 6. Estado de saúde; 7. Sistema de apoio; 8. Programa atlético; 9. Avaliação em relação aos treinos livres; 10. Avaliação em relação às competições; 11. Situação que antecede o jogo; 12. Considerações gerais em dias de jogo; 13. Preparação mental em dia de jogo, antes do jogo; 14. Preparação mental em dia de jogo, antes e durante o jogo; 15. Avaliação após o jogo.

Essa avaliação permitiu identificar pontos nos quais uma intervenção pudesse ser planejada, tais como: aprimoramento de habilidades; concentração; comprometimento para com treinos; autoconfiança; relaxamento; avaliação de desempenho; relação interpessoal. E, no que diz respeito ao técnico, conhecer e aprimorar estratégias a fim de: utilizar melhor os recursos

de vídeo; motivar e possibilitar tranqüilidade ao atleta; manter-se positivo mesmo diante de erros; concentrar-se para realizar as atividades.

Ante as observações dos treinos, ações e falas do treinador e os resultados das avaliações, notou-se a necessidade de uma parceria com o técnico, que como define Rose Junior (2007) é o ponto central nessa estrutura.

As observações dos treinos também permitiram que fossem selecionados comportamentos a serem registrados, analisados e trabalhados durante a intervenção, como a fala do treinador nos jogos, um levantamento do tempo de posse de bola, número de arremessos convertidos e não convertidos e, também dos comportamentos dos atletas e dos técnicos para uma intervenção futura.

Para isso, eram elaborados gráficos: 1) Tempo médio de posse de bola para cada ataque em cada quarto, em segundos, uma vez que foi observado que o treinador insistia com os atletas para que segurassem um pouco mais a posse de bola, utilizando melhor o tempo e o arremesso 2) Número de arremessos convertidos por tempo de posse de bola, 3) Gráficos com a evolução do placar minuto a minuto. O resultado encontrado na avaliação dos gráficos foi de que o número de acertos quando os atletas utilizavam melhor os vinte e quatro (24) segundos aos quais tinham direito, ou seja, ataques com mais de doze (12) segundos de posse de bola, eram mais bem-sucedidos em termos de frequência de acertos do que os ataques que tinham menos de doze (12) segundos.

A análise dos gráficos era feita, primeiramente, pela própria equipe de Psicologia, durante a supervisão. Em seguida o técnico esclarecia alguns pontos técnicos e táticos. Os encontros com os atletas e equipe técnica serviam, portanto para uma discussão sobre as análises dos gráficos e dos comportamentos observados em quadra, tanto em treinos quanto em jogos.

Dessa forma, já com os resultados das avaliações em mãos, uma devolutiva foi feita ao técnico e a partir desta, também foi marcada uma com os jogadores. Durante a devolutiva, apesar de nem todos terem comparecido, atentou-se para a mudança do comportamento deles frente à equipe de Psicologia, mostrando-se mais receptivos.

Esse momento do trabalho culminou com o início do Campeonato Carioca de Basquete, que seria disputado pela equipe<sup>7</sup>. Surgiu então, por parte de um dos alunos do projeto, a idéia de ir assistir a estréia, no Rio de Janeiro, sem que os atletas soubessem. Nesse caso, foi solicitada junto ao técnico uma autorização, como maneira de fortalecer vínculos. Tal proposta foi bem aceita, e imediatamente foi oferecido um lugar no ônibus para a viagem. Porém, achou-se mais sensato ir sem o conhecimento dos atletas, uma vez que ainda não se pertencia de fato a essa equipe e também pela possibilidade de observação do comportamento dos atletas em situação natural.

A viagem possibilitou a aceitação da equipe de Psicologia pelo grupo, como profissionais da área, assim como o desenvolvimento das atividades, o que foi confirmado depois de alguns encontros pelos atletas, mesmo porque os mesmos acreditavam que a turma iria desistir e ir embora, conforme já havia acontecido em outras experiências com profissionais de outras áreas (Nutrição e Fisioterapia), que não conseguiram dar continuidade às propostas de trabalhos.

Um dos fatores a ser salientado para explicar a dificuldade de execução de qualquer trabalho proposto, é a disponibilidade da equipe, que entre viagens, treinos e descanso, encaixava a preparação psicológica. Acredita-se que isso pode ter sido determinante para dificultar a inserção de outros profissionais.

Ao final do primeiro semestre de trabalho, foi agendado um encontro, no qual fora analisado o comportamento em quadra de cada jogador e, numa devolutiva em grupo, foi discutido o que aconteceu até aquele momento. Estavam presentes todos os atletas, que participaram ativamente da discussão, avaliando também o trabalho da Psicologia do Esporte.

Esse encontro foi realizado em forma de “bate-papo”, sem apresentação de gráficos. Pediu-se que eles avaliassem o que tinha mudado, bem como fora reforçado o comportamento deles de atentarem para a fala do técnico quanto à posse de bola. Quanto aos comportamentos durante as competições, foi analisado o que havia acontecido nos jogos: postura de cada um frente ao time

---

<sup>7</sup> Com o intuito de se preparar para o Campeonato Nacional de Basquete e, como no estado do Espírito Santo existem apenas duas equipes de alto rendimento e um campeonato estadual curto, essa equipe defendeu a bandeira do time de Campos.

e os diferentes efeitos entre estar concentrado e estar disperso, percebida durante a execução das jogadas.

O *feedback* à equipe de Psicologia se deu por meio de uma avaliação informal, na qual os atletas qualificaram o trabalho, a inserção no campo e a confiança no trabalho desenvolvido pela equipe.

Por fim, pode-se dizer que, a partir daquele momento, segundo os próprios atletas, que a equipe de Psicologia fazia parte daquele time, que tinham se inserido no campo da Psicologia do Esporte, sendo reconhecida como parte integrante da equipe de basquete, o que pode ser ilustrado por um torpedo SMS enviado pelo técnico a Equipe de Psicologia após um trabalho feito antes de uma vitória importante no último campeonato nacional: “obrigado continuamos na luta. parabéns a todos vcs tbm. estamos juntos (sic)”.

Outros resultados também podem ser citados como produto parcial da intervenção: contratação de um preparador físico (a partir do levantamento da necessidade de um na avaliação inicial), economia de tempo na posse de bola, espaço de preleção antes dos jogos, a designação de um dia exclusivo para o trabalho da equipe de Psicologia e até mesmo a classificação (pela primeira vez na história da equipe) para os playoffs do campeonato nacional.

Contudo, para manter-se dentro desse time, é preciso combinar o conhecimento teórico adquirido em livros científicos e o conhecimento prático, adquirido a partir da conquista do espaço, da confiança e do desenvolvimento de trabalhos junto aos atletas e demais envolvidos (Weinberg & Gould, 2006), lembrando que a cobrança de profissionalismo se mantém.

### **Considerações Finais**

Inserir-se no campo prático da Psicologia do Esporte não é uma tarefa fácil, o que muitas vezes só é percebido quando se encontra dentro dele, seja a pedido de uma equipe ou, como neste caso, no cumprimento de atividades previstas na grade curricular.

Rose Junior (2007) levanta questionamentos acerca do lugar que a Psicologia do Esporte ocupa diante do contexto de trabalho junto a uma comissão técnica e da postura adotada pelas equipes frente ao psicólogo do esporte e do seu trabalho. Ressalta que os profissionais ligados direta (atletas,

técnicos, preparadores físicos, etc.) e indiretamente (imprensa e outros) a área do esporte reconhecem a importância de se conhecer e trabalhar aspectos psicológicos envolvidos na prática esportiva.

Entretanto, percebe-se que esse fato ainda está longe de ser realidade. Acontece em um número reduzido de equipes, apesar de já se poder observar um aumento considerável de esportes que consideram a psicologia como área integrante de seu cotidiano (Rose Junior, 2007).

A falta de acesso a informações acerca da prática da Psicologia do Esporte durante a formação, pode fazer com que o psicólogo, não acostumado ao esporte, se depare com uma grande resistência por parte dos técnicos e atletas, seja por não falar e não entender a linguagem cotidiana das quadras, dos campos, das pistas e das piscinas, seja por não atentar que o atleta não é como um cliente de consultório (Scala, 2006; Rose Junior, 2007), ou ainda, por fundamentar sua prática em “achismo” teórico (Lima, 2003).

Pensar que se é psicólogo do esporte porque possui formação em Psicologia ou porque tivera algum contato anterior com a prática esportiva é um erro que muitos cometem, caindo no descrédito como profissional perante aquele com quem, de alguma maneira, mantém um contrato de atuação.

É preciso que o psicólogo tenha conhecimentos prévios e delimitados sobre seu papel. Compreender que, como descreve Scala (2004), é mais do que um mero aplicador de técnicas, e sim um analista do comportamento, que deve também clarificar essa função, assim como os princípios que norteiam o comportamento humano à comissão técnica, atletas e demais envolvidos no esporte (Machado, 1997), possibilitando melhores entendimentos sobre sua prática, seus objetivos e os resultados alcançados pelo seu trabalho.

Para tal atividade, o profissional deve estar no meio esportivo, ou seja, além do fato de que o trabalho deve ser feito no local de treinamento dos atletas (Scala, 2006), deve-se compreender que o cronograma de atividades está sujeito a modificações para então se adequar às viagens e competições.

Por fim, pertencer a uma equipe como psicólogo do esporte, assim como ser reconhecido como tal é a maior gratificação que pode haver para um profissional que encontrou obstáculos, na formação ou na própria equipe. Poderá este agora, sentar para estruturar um trabalho diante de tantas

informações, proporcionadas pelo acesso mais direto aos atletas e a comissão técnica. Como resume Martin (2003):

Em nossa sociedade, ser considerado um profissional implica em que o indivíduo tenha conhecimento especializado que o capacite a fornecer um determinado serviço. Numa perspectiva comportamental, o serviço fornecido por consultores em psicologia comportamental do esporte envolve influenciar o comportamento de atletas e treinadores (Martin, 2003, p. 279).

## Referências Bibliográficas

Barreto, J. A. (2003). Psicologia do Esporte para o Atleta de Alto Rendimento: teorias e técnicas (pp. 33-66). Rio de Janeiro, RJ: Shape.

Cillo, E. N. P. (2007). Análise do comportamento aplicada ao esporte e à atividade física: a contribuição do behaviorismo radical. *In* Rubio, K. (Org.), Psicologia do Esporte: Interfaces, pesquisa e Intervenção (pp. 87-100). 2. ed. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.

Delitti, A. M. (2005). Skinner e Terapia. *In* E. B. Borloti, S. R. F. Enumo & M. Ribeiro (Orgs.) Análise do Comportamento: Teorias e Práticas. (pp. 47-57). Santo André: ESETec.

Figueiredo, S. H. (2001). Psicologia do Esporte: analisando o comportamento. *In* Kerbauy, R. R. (Org.). Sobre Comportamento e Cognição: Conceitos, pesquisa e aplicação, a ênfase no ensinar, na emoção e no questionamento clínico (pp. 113-115), v. 5, Cap. 13. Santo André, SP: ESETec Editores Associados.

Figueiredo, S. H. (2007). Variáveis que interferem no desempenho do atleta de alto rendimento. *In* Rubio, K. (Org.). Psicologia do Esporte: Interfaces, pesquisa e Intervenção (pp. 113-124), Cap. VIII. 2. ed. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.

Lima, N. S. (2003). Psicologia do Esporte: a caminhada de uma prática. *In* Rubio, K. (Org.). Psicologia do Esporte: Teoria e prática (pp. 211-238). São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.

Machado, M. A. (1997). Psicologia do Esporte: sua história. *In* Psicologia do Esporte: Temas emergentes I (pp. 7-20). Jundiaí, SP: Ápice.

Martin, G. (2003). Consultoria em Psicologia do Esporte: Orientações práticas em análise do comportamento. Campinas, SP: Instituto de Análise do Comportamento.

Martin, G. & Tkachuk, G. A. (2001). Psicologia Comportamental do Esporte. *In* Guilhardi, H. J. & Cols (Orgs), Sobre Comportamento e Cognição: Expondo a variabilidade (pp. 313-336), v.8. Santo André, SP: ESETec Editores Associados.

Pereira, A. B. (2003). Tecnologia, Informática e Psicologia do Esporte: Ferramentas úteis para avaliação e intervenção. *In* Rubio, K. (Org), Psicologia do Esporte: Teoria e prática (pp. 15-31). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Rose Junior, D. D. (2007). O esporte e a psicologia: enfoque do profissional do esporte. *In* Rubio, K. (Org), Psicologia do Esporte: Interfaces, pesquisa e Intervenção (pp. 29-39), Cap.II, 2. ed. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.

Rubio, K. (2007a). Ética e Compromisso Social na Psicologia do Esporte. Psicologia: Ciência e Profissão, 304-315.

Rubio, K. (2007b). O trajeto da Psicologia do Esporte e a formação de um campo profissional. *In* Rubio, K. (Org), Psicologia do Esporte: Interfaces, pesquisa e Intervenção (pp. 15-28), Cap.I, 2. ed. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.

Scala, C. T. (1997). O que é análise comportamental no esporte? *In* Delitti, M. (Org), Sobre Comportamento e Cognição: A prática da análise do comportamento e da terapia cognitivo-comportamental (pp. 339-343), Cap.40, v.2. Santo André, SP: ARBytes.

Scala, C. T. (2004). O desempenho no esporte como resultado de análises comportamentais complexas. *In* Brandão, M. Z. S. & Cols (Orgs), Sobre Comportamento e Cognição: Entendendo a Psicologia Comportamental e Cognitiva aos Contextos da Saúde, das Organizações, das Relações Pais e Filhos e das Escolas (pp. 310-313), Cap.36, v.14. Santo André, SP: ESETec Editores Associados.

Scala, C. T. (2006). Psicologia do esporte e sua aplicação: como ser aceito no meio esportivo. *In* Guilhardi, H. J.; Aguirre, N. C. (Orgs), Sobre Comportamento e Cognição: Expondo a variabilidade (pp. 94-98), Cap.11, v.17. Santo André, SP: ESETec Editores Associados.

Thomas, A. (1983). Esporte: introdução à Psicologia (pp. 1-16). Lenk, M. (Trad). Rio de Janeiro, RJ: Ao Livro Técnico.

Weinberg, R. S, & Gould, D. (2006). Fundamentos da Psicologia do Esporte e do Exercício, 2. ed. Porto Alegre, RS: Artmed.